

APROFUNDAMENTO - 11. «PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

«Compreenderam, então, subitamente, quem era aquele Homem que tinham seguido» (Passos de experiência cristã – ficha 11).

Trazemos aqui uma carta em que Marco, um rapaz dos Colegiais morto há 7 anos num acidente de carro, conta como descobriu quem é Cristo na ida dele, «uma compreensão que vai além da dos amigos e das pessoas que encontrei».

Além do que você acha que já sabe pela própria tradição, ou dos frágeis entusiasmos passageiros, já aconteceu a você um momento em que intuiu que Cristo é o segredo da vida, a luz para olhar todas as coisas?

Sou Marco Gallo, um garoto de Monza de 17 anos. Ontem fui em peregrinação para a beatificação de João Paulo II, é como se tivesse nascido em mim um desejo prepotente de conhecê-lo. Procurei entender quem ele era, e fiquei profundamente marcado por estas palavras dele: «Não tenhais medo! Antes, procurai abrir, melhor, escancarar as portas a Cristo! Ao Seu poder salvador [...]. Não tenhais medo! Cristo sabe bem “o que é que está dentro do homem”. Somente Ele o sabe! Hoje em dia muito frequentemente o homem não sabe o que traz no interior de si mesmo, no profundo do seu ânimo e do seu coração, muito frequentemente se encontra incerto acerca do sentido da sua vida sobre esta terra. E sucede que é invadido pela dúvida que se transmuta em desespero. Permitted, pois – peço-vos e vo-lo imploro com humildade e com confiança – permiti a Cristo falar ao homem. Somente Ele tem palavras de vida; sim, de vida eterna».

É como se, finalmente, alguém tivesse me entendido. Uma compreensão que vai além da dos amigos e das pessoas que encontrei. Como se todo o segredo da vida estivesse encerrado aqui, nessas palavras. Caramba, eu fui à igreja, e pela primeira vez em muito tempo eu rezei intensamente, para que essas palavras fossem bem registradas dentro de mim, para que Cristo realmente agora, diante da minha situação que realmente é de dúvida e de desespero, me abrace, agora.

Assim que me levantei, percebi um olhar, de uma velhinha. Percebi de relance, como quando se dá uma olhada para o pôr-do-sol da janela do carro, sem atenção. E percebi que ela se levantou e ficou me observando, parecia que estava vindo até mim, mas não tinha certeza. Eu estava saindo, sem me dar conta do que estava acontecendo, da intensidade daquele olhar. E abrindo a porta para sair da igreja, quando me virei por uma última vez, percebi que, parada, ela ainda estava lá (mas parada, quase atemorizada com a minha “fuga”). Intuí, saindo, que a intensão dela era a de um abraço de amor e de esperança, ao ver um jovem ajoelhado na igreja; mas como! Alguém como eu! Como eu! Que esperança, que gratidão eu mereço? Aquela mulher tinha amor por mim nos olhos! No entanto ela estava lá. Estava lá me esperando. E assim, saindo, nasceu em mim uma contradição, entre o banal andar até uma desconhecida e perguntar “A senhora queria dizer algo?” e voltar atrás para me dar conta que ali estava justamente aquele que eu tinha acabado de invocar. Ali estava Jesus. Mas, antes que isso pudesse virar uma certeza, quando a sua presença ainda era uma frágil intuição, eu não a quis. »

» O ponto do meu discurso é este: se Cristo realmente não for alguém que acontece no presente da nossa vida, se Cristo realmente não me salva, não te salva, agora, mas principalmente, se nós não estivermos dispostos a esperá-lo e aceitá-lo agora, por que motivo podemos definir-nos cristãos? Se não temos a intensão de mudar a nossa maneira de agir, se não estamos dispostos a abandonar as nossas frágeis certezas, os nossos temores patéticos (que pode ser até mesmo aquele falar com um desconhecido), a maneira com que gastamos o tempo e com que nos relacionamos com a realidade e com as pessoas, em que é que esperamos?

(M. Gallo, *Anche i sassi si sarebbero messi a saltellare*. Castel Bolognese: Itaca, 2016, pp. 192-194)